E-LE

ANO V

NUMERO 32

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPICIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

ABRIL DE 1944

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

ESCRAVIDÃO E LIBERDADE

Um dos objetivos do ensino da história — e dos maiores — é levar a nova geração, pelo estudo do passado, a compreender o presente. Compreensão do porquê de nossos anseios e de nossos ideais, do porquê de nossas instituições, de nossas leis e de nossos costumes; do porquê de nossas lutas. Sem isso, mal se integrarão, na vida presente, as mentalidades jovens, herdadas dos dois elos que formam a corrente da civilização: o passado e o futuro .

Eis porque os fatos históricos, mutáveis em sua feitura, pela sua própria condição de — coisa que já passou — variam a cada época pela fôrça da significação nova que tomam no conjunto das condições ativas do presente. .

Não morrem nunca, renovam-se. Não pertencem apenas ao passado, mas ao presente e ao futuro.

Assim os fatos consubstanciados no 13 de Maio de 1888. Eis uma data que por muitos anos se nos apresentou apenas na sua facêta sentimental e negativa de evocação do martirológio escravocrata.

Hoje, porém, ela se desprende do seu longo marasmo de sentimentalismo, para vir, como um exemplo vivo de concretização ideológica, iluminar ideais e justificar atitudes correntes em nossos dias.

E' preciso que o 13 de Maio seja apresentado à nossa juventude em tôda a sua profunda significação de peleja positiva e vitoriosa pela liberdade do homem; de negação da superioridade apriorística e mitológica de raças e de povos; de compreensão do verdadeiro sentido do progresso social; de reabilitação dos princípios de humanidade.

E' preciso que êle seja apresentado como um exemplo do repúdio das civilizações modernas pelas algemas, materiais ou morais; como uma afirmação das idéias

básicas da democracia — fenômeno universal; como uma compreensão do valor positivo de povo livre ao lado do negativo de povo escravo, na concepção de que "escravo é aquêle que recebe de outrem os motivos de sua direção na vida."

E' preciso, ainda, que o 13 de Maio, colocado a par de seus congêneres no mundo, seja apresentado à juventude, como um penhor daqueles povos que já provaram sua atitude de repulsa aos atos escravocratas: a Inglaterra, mobilizando suas fôrças para impedir a escravidão; os Estados Unidos, indo ao extremo de deixar correr o seu sangue de branco, em mistura com o sangue do negro para devolver a liberdade durante anos roubada a uma parte dos seus; o Brasil, colocando acima de seus anseios de afirmação econômica, então incipiente, os seus ideais de povo civilizado que deseja ver, integrada na sua nacionalidade, a concepção de liberdade, no ideal e na realização.

São fatos êsses que valem como uma atitude de coerência afirmativa para com o passado e promissora para o futuro.

Tudo isto pode significar para nós, professores, o 13 de Maio de 1944 na evocação do 13 de Maio de 1888.

E levando-o, assim, à compreensão, ao juízo e ao sentimento de nossa juventude estamos auxiliando, através da história, a sua harmonização aos dias que correm: dias de luta, dias de sacrifício, — mas dias, também, de afirmação dos ideais superiores do homem entre os quais avulta o de liberdade: liberdade para si, liberdade para os outros, liberdade para todos.

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO- PEDAGÓGICA

Registrada no D.I.P. sob o n. 14.604

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS
Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2-0267
Colaboradores diversos

Assinatura (12 ns.) . . Cr$24,00
Assinatura especial para sócios da Associação Cr$18,00
Número avulso . . . . Cr$ 2,50

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

ESCRAVIDÃO E LIBERDADE . 841

A ESCRAVA — Artur Azevedo 843

A ESCRAVIDÃO — (*Transcrição*) — Armando Prado . . . 844

PATROCINIO NA TRIBUNA — *Coelho Neto* 844

UM EPISÓDIO DA VIDA DE PATROCINIO 845

FUGINDO AO CATIVEIRO — Vicente de Carvalho 846

COMO COMEMORAR A DATA DE 13 DE MAIO — L. Montandon 847

QUARESMA — Maria Luisa Almeida Cunha 849

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — J. Lourenço de Oliveira . . . 850

CONVERSAS DE LABORATÓRIO — H. Marques Lisbôa . 853

PELOTÃO DE SAÚDE — Anita Fonseca 862

VISITANDO A FAZENDA ESCOLA DE FLORESTAL 869

BRASLEIRO CEM POR CENTO — Lima Barreto 870

SE FÔSSEM OUTROS OS COLONIZADORES — João Francisco Lisbôa 871

SOBRE JUSTIÇA SOCIAL — Mons. Miguel de Andrade . 872

IMPRESSA NA
GRÁFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

A Escrava

Eu não fui criada a esmo
com quanto fôsse uma escrava.
Muitas vezes Sinházinha
junto de si me assentava,
e a rabiscar me ensinava.

Era, porém, na costura
que eu mostrava mais primor;
vestidos fazia a ponto
de muita gente supor
que eram obra da madama
lá da rua do Ouvidor.

Não havia outra mucama
com tão raros predicados !
Como eu engomava as rendas,
as pregas e os apanhados,
do ferro levando o bico
aos refolhos dos babados !

Era o meu senhor tão rico
tinha tantas relações,
que não perdia um só baile
nem outras quaisquer funções.
E tôdas as quartas-feiras
dava em casa reuniões.

Eram muito pagodeiros
quer Sinhá, quer Sinhàzinha:
de um baile mal descansavam,
outro convite lá vinha !
E quem é que as enfeitava ?
A boa da mulatinha !

Que trabalho isso custava !
Porém, que satisfação
quando depois de vestí-las,
dava a última demão,
co'os alfinetes na bôca,
ajoelhada no chão.

ARTUR AZEVEDO

A ESCRAVIDÃO

(Excerto da "Revista do Brasil")

Armando PRADO.

E' noite. Nos céus altos, as constelações fulguram.

No tombadilho, que os astros banham em pacificações de luz, surge de repente um vulto, espia, aguça o ouvido, esgueira-se, ganha a amurada, galga-a e arroja-se às ondas frias.

Que foi ?

Um negro suicidou-se. As vagas do mar assinaram-lhe a carta de alforria. Êsse foi feliz.

Pleno dia. E' de azeite o mar. Mordida por um sol de glória, a superfície convexa das águas cintila.

A súbitas, a um grito de alarma, revoluciona-se o pessoal de bordo. Assestam-se óculos de alcance. Esquadrinha-se a distância. Há pupilas verrumando os longes azulados, onde as águas parece confundirem-se com o céu. Vozes de comando erguem-se rápidas. Abrem-se as escotilhas e os negros semi-nús, tontos como feras longamente enjauladas, aparecem, abrigando os olhos com as mãos em tejadilho à altura das sobrancelhas, contra a luz de que estão desabituados. Os algozes brancos avançam, agarram-nos e os atiram pelo voborde abaixo como sacos de carvão, que as águas profundas e moles tragam gorgolejando.

Que foi que sucedeu?

Foi um cruzeiro inglês que apontou na linha do horizonte. Estava iminente uma visita. Para evitar a apreensão do barco e o castigo dos tripulantes, alijou-se a carga. Não foi nada. Eram negros... eram escravos.

PATROCÍNIO NA TRIBUNA

Coelho NETO

Quem o viu na tribuna guarda, por certo, na lembrança, a sua estranha figura semi-bárbara, quase grotesca. Não era um orador de escola, disciplinado e elegante: era um ímpeto. A sua palavra não tinha melodia — era silvo ou rugido; o seu gesto era desmantelado, o seu olhar despedia faúlhas. Avançava, recuava, agachava?se, gingava, retraía-se, despejava-se, ficava nas pontas dos pés, arremangado, com a gola do casaco tão subida, que às vezes, parecia um capuz de monge; um colête sungado deixava espoucar a camisa — era um desmantêlo trágico de tormenta.

Havia nêle dormências como nos oceanos, "dias inertes", nem um encrespar de vaga, nem um hálito de brisa, — imobilidade.

Bastava, porém, uma lufada de cólera ou uma cansada asa branca passando iterativa no indeciso ir e vir de quem se sente perdido, para que a paixão o revolvesse ou a piedade o despertasse. Foi em um dêsses dias lânguidos que se deu o encontro entre o gigante e Silva Jardim, que então andava na propaganda temerária, aproveitando o abalo que a Abolição produzira no edifício do império para o fazer ruir.

(Da "Antologia Ginasial" de M. Casasanta).

Um episódio da vida de Patrocínio

José do Patrocínio era um grande orador. Todo o seu grande trabalho a favor da Abolição foi feito com a facilidade que tinha para pronunciar, de repente, belíssimos discursos que entusiasmavam os ouvintes.

Há um fato na sua vida que nos mostra bem os seus dotes de orador brilhante e improvisador ardente e impetuoso.

Êste fato, narrado por Coelho Neto, é o seguinte:

Era na época da propaganda republicana. José do Patricínio era monarquista e considerado um dos maiores adversários dos republicanos. Entre êstes últimos, havia Silva Jardim, também um grande orador.

Um dia, encontraram-se os dois — Patrocínio e Silva Jardim — em uma sessão de Propaganda Republicana.

Estava-se no teatro Lucinda. A platéia estava repleta.

Silva Jardim falou primeiro. No seu discurso, a favor da república, êle atacou Patrocínio. Atacou ferozmente. Disse que Patrocínio defendia a monarquia apenas porque a Princesa Isabel fôra boa para êle e para seu filho. E muita cousa mais disse êle. E falou tão bem que o povo batia palmas às suas palavras vibrantes.

Quando Silva Jardim terminou, chegou a vez de Patrocínio. Êste "apareceu à platéia murcho e cabisbaixo". E começou um discurso fraco, sem vida, tímido.

O povo já manifestava sinais de desagrado e reprovação.

Os amigos de Patrocínio viram que êle estava fracassando e um dêles, por nome Paulo Nei, afastou-se do grupo, misturando-se ao povo, nas torrinhas.

Patrocínio continuava a falar, sem entusiasmo, sem calor e a assistência ouvia também desanimada e sem gôsto.

De-repente, das torrinhas vem uma frase, como uma bala atirada ao orador:

"Cala a boca, negro!"

José do Patrocínio estremece. Olha ao redor e não vê quem lhe atirou o desafôro. Mas pouco importa. Êle o recebe em cheio. Então, espicaçado, arma-se de coragem e de energia. A sua fisionomia se tornou viva, a sua voz vibrou com entusiasmo e a sua palavra começou a sair fácil e colorida.

E o seu discurso tornou-se um dos mais belos que pronunciara até então.

A platéia vibrou com as suas frases cheias de entusiasmo e de beleza. Quando terminou, o povo aclamou-o delirantemente. Quase saiu carregado do teatro.

José do Patrocínio dirigiu-se daí à redação do jornal onde trabalhava. Chegou radiante e cansado, acompanhado dos amigos.

E lá, atirando-se a uma cadeira disse:

— "Ah! não saber eu quem foi o patife que me atirou aquele desafôro!"

— "Foi êste seu criado, acusou o Nei, muito contente, com surprêsa de todos."

— "Tu!"

— "Eu! Querias que assistisse indiferente à tua derrota! Os amigos mostram-se nas ocasiões. Estavas dormindo... Se fôsses um simples mortal, eu sacudia-te pelas orelhas, mas tratando-se de ti, vibrei um raio.

Só com raios se podem despertar titans. E então, ein? Piquei-te, viste o perigo...e que vitória!"

Escrever obscuramente ou mal é pensar lerda e confusamente.

SCHOPENHAUER

FUGINDO AO CATIVEIRO

Vicente de CARVALHO

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.

.. ..

COMO COMEMORAR A DATA DE 13 DE MAIO

L. MONTANDON.

Dentre as nossas datas cívicas, nenhuma tão humana e que mais de perto toca a nossa sensibilidade como o "13 de Maio".

As narrativas sôbre os sofrimentos dos escravos, pintando ao vivo cenas horripilantes do tráfico, da crueldade dos senhores de escravos, até hoje nos fazem estremecer de indignação e de revolta. E mesmo que a abolição tenha deixado consequências funestas, nunca deixaremos de exaltar e venerar a grande lei que veio por termo ao martírio de milhares e milhares de seres humanos que a maldade e a ambição haviam transformado em animais de servir.

São sempre comoventes os auditórios em que vemos representadas cenas tocantes do tempo do cativeiro e onde ouvimos poesias e canções que a literatura do escravismo nos legou através da pena de um Castro Alves, de um Bernardo Guimarães, de um José Bonifácio, o moço, de um Joaquim Nabuco e tantos outros paladinos da abolição.

Entretanto, para que tais revivescências resultem em algo mais significativo e duradouro para a formação moral e cívica de nossos alunos, que meras manifestações de sentimentalismo, os dias que precedem à grande data devem ser bem aproveitadas pelos professores para um estudo mais profundo e proveitoso de um dos nossos fatos históricos que tanto influíram na formação da nossa nacionalidade.

Como subsídio ao período preparatório de tão importante comemoração, aqui vão algumas sugestões para os planos de aula daqueles dias.

Motivado o estudo da escravidão, as lições de história poderão versar sobre as seguintes questões que o professor ventilará em classe com a colaboração dos alunos através de várias atividades como a leitura espontânea, coleta de poesias, trechos e outros dados referentes ao assunto, ilustrações adequadas de cenas da escravidão, et., etc..

1 — *Quais as causas que determinaram a introdução do tráfico de negros no Brasil e em que época se verificou o início de tão nefando comércio?*

a) Salientar a grande extensão de terra a colonizar;

b) mostrar as dificuldades que aquela região desconhecida e inóspita oferecia aos colonos portuguêses.

c) referir-se à experiência fracassada com os escravos índios cuja incapacidade e rebeldia foi suprida pela docilidade e resistência do escravo negro;

d) falar sôbre a necessidade de braços para a lavoura quando se introduziu o cultivo da cana de açúcar e sôbre a intensificação do tráfico com o trabalho nas minas.

Essa análise fará com que os alunos compreendam as razões da escravidão e ressaltará aos seus olhos o papel importante do negro na colonização brasileira, como bem o salientou Rocha Pombo: "Eis aí como se destaca, em pleno relêvo, a grande e dupla função da raça negra nesta parte da Américia: ela criou a fortuna sem a qual não se teria fixado o elemento dirigente, e guardou o território — sem o que a nacionalidade não seria o que é hoje."

2 — *Por que o tráfico de escravos se tornou condenável?*

a) Falar sôbre a crueldade dos traficantes; a desumanidade de muitos dos senhores de escravos; os castigos que inflingiam aos pobres pretos; a maneira bárbara como se procedia à compra de escravos nos leilões públicos.

b) ler e fazer interpretar poesias

ou trechos adequados, como o "Navio Negreiro", de Castro Alves;

c) organizar álbuns com êsses trabalhos e ilustrações sugestivas de cenas do cativeiro.

3) *De que modo começaram a se manifestar as primeiras reações contra o tráfico africano ?*

a) descrever a fuga de escravos protegida e mesmo preparada por pessoas generosas e compassivas;

b) falar sôbre as alforrias nas pias batismais ou nas comemorações das datas festivas da família;

c) descrever a formação dos quilombos;

d) salientar a influência da poesia e do romance narrando o sofrimento atroz dos escravos, e assim, fazendo nascer no espírito do povo brasileiro, o pensamento abolicionista;

e) falar sôbre as campanhas pela imprensa;

f) estudar com os alunos as biografias de Castro Alves e Bernardo Guimarães.

4 — *Quais as medidas repressivas ao comércio de escravos ?*

a) Salientar o papel da Inglaterra na luta contra o tráfico, perseguindo sem tréguas os navios negreiros e castigando os traficantes.

b) falar sôbre a lei "Euzébio de Queirós" que extinguiu o tráfico negro no Brasil, em 1850.

5 — *Quais os outros passos a favor da abolição ?*

a) falar sôbre as leis do "Ventre livre" e a dos "Sexagenários";

b) referir-se à iniciativa de alguns Estados do Norte, como o Ceará e Amazonas, abolindo o cativeiro em seus territórios;

c) salientar o trabalho dos abolicionistas;

d) estudar as biografias de Joaquim Nabuco e José do Patrocínio;

6 — *Como se deu a abolição da escravatura ?*

a) falar na simplicidade com que um ato de tão graves conseqüências se fez, quando em outras nações, como nos Estados Unidos, a luta pela abolição custou tanto sangue;

b) salientar o papel da Princesa Regente que assinou o decreto extinguindo a escravidão no Brasil.

c) falar sôbre as conseqüências da abolição para a vida econômica do Brasil;

d) mostrar como o espírito democrático foi sempre o fundamento da nossa nacionalidade;

e) mostrar a influência do negro na formação do povo brasileiro;

f) falar sôbre a importância do sacrifício da raça negra para a civilização das pátrias americanas de vez que, como salientou um grande estadista do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, "*...ao braço forte do negro se devem as grandes riquezas que proporcionaram aos brasileiros daquela época, recursos para mandarem seus filhos às academias e universidades da Europa, onde receberam conhecimentos que impulsionaram e apressaram a independência e presidiram à organização consagrada na Constituição e em outras leis orgânicas, fortificando a liberdade.*

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

QUARESMA

Maria Luísa Almeida CUNHA

O ano litúrgico se divide em dois grandes ciclos: o de Natal e o da Páscoa.

No primeiro — a Igreja comemora a graça inestimável da Incarnação do Verbo no seio puríssimo de Nossa Senhora.

No segundo, a Igreja focaliza o mistério da misericórdia sem limites de Jesús que se deixa sacrificar para a salvação do homem — o mistério da Redenção.

Cada ciclo compreende um tempo de *preparação*, um de comemoração do mistério e um tempo de prolongamento da festa.

A preparação para a festa da Páscoa vem se fazendo gradativamente desde a Septuagésima que é a preparação *remota*.

A preparação próxima é a fase da Quaresma e a preparação imediata será a semana da Paixão.

Esta fáse quaresmal é das mais ricas em ensinamentos espirituais no calendário litúrgico.

A Igreja com uma solicitude meticulosa e clarividente nos capacita cada dia por meio de leituras de orações apropriadas a "não receber em vão a graça de Deus".

E logo no primeiro domingo da Quaresma nos dá na antífona do Magnificat um programa de vida para o aproveitamento dêsse tempo, e dêsse tesouro inexaurivel que é a graça de Deus.

Eis o programa... "mostremonos nesses dias de salvação, servos de Deus pela paciência, pelo jejum, pela vigilância e pela caridade não fingida."

Êsse plano tão sintético é um verdadeiro tratado de santififcação, pois a *vigilância* nos resguardará do mal que é o pecado.

O *jejum* e a *paciência* nos libertarão do nosso eu tão tirânico pela violência dos instintos e do orgulho. E finalmente a *caridade não fingida* é a identififcação sublime com a vontade de Deus.

Identificação que liberta, redime, ilumina e tranquiliza as almas ávidas de Paz.

Ah! se o mundo prestasse atenção à voz da Igreja, ao menos neste tempo quaresmal, se lesse com reta intenção os conselhos preciosos dêste tempo fecundíssimo em graças, certamente mudaria o rumo de suas ambições. Nessa tarefa, de renovação cristã da sociedade, cabe às educadoras uma atuação preponderante que é desnecessário encarecer.

Entretanto não é demasiado repetir que devem aproveitar êste tempo santo para se compenetrarem profundamente desta responsabilidade cravando no âmago das almas a idéia do primado espiritual.

Em minha vida, que valor tenho dado ao que é espiritual?

Um exame de conciência sôbre êste ponto é capaz de mudar o curs de uma vida inteira...

A simples narração não comove; cumpre, não sómente informar o ouvinte dos sucessos, como lh'os tornar sensíveis e excitar-lhes os sentidos com a perfeita representação do modo comovedor por que se deram.

FÉNELON

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

J. Lourenço de OLIVEIRA
(Da Fac. de Fil. de Minas Gerais)

SUMÁRIO: — *Nele, aquele, for.* — *Ditongos e hiatos.* — *Juiz e país.* — *Falaram-me de você.*

Escreve-nos distinta professora de Muzambinho, pedindo-nos lhe expliquemos:

1.º O sentido das palavras *aquele, nele e for,* heterofonos de *aquêle, nêle e fôr;*

2.º que opinião seguir na divergência dos autores que classificam ditongos, hiatos, etc.;

3.º como interpretar o FORMULÁRIO, de 1931, no em que se refere ao zê final;

4.º como classificar "de sua terra" e "de você", nas frases — *Falaram de sua terra* e *Falaram muito de você.*

AQUELE. O vocábulo *aquele* é forma flexionada, no presente do subjuntivo, do verbo *aquelar*: aquele,, aqueles, aquele, etc.

Não fazem questão de catalogar êste verbo os dicionários brasileiros, porque se trata de um provincialismo português. *Aquelar* é o mesmo que *fazer, arranjar, atinar com...*

À página 62 dos OPÚSCULOS, vol. II, estudando a linguagem de Ponte de Lima, no norte de Portugal, diz Leite de Vasconcelos:

"*Aquela* significa *cousa.* Isto é: *uma aquela* pode ser uma *tesoura,* um *dedal,* uma *festa,* uma *desordem,* etc." E logo depois: "Desta palavra, ou de *aquele,* fez-se em Ponte de Lima o verbo *aquelar,* que se emprega tôdas as vezes que falta o têrmo próprio. O verbo *aquelar* vem no *Dic galleco* de Nuñes; a uma Galega ouví uma vez dizer *aquelar as batatas* no sentido de *cozinhar as batatas.* Êste verbo usa-se também no Norte de Trás-os-Montes".

Por causa do verbo *aquelar,* provincianismo lusitano, havemos, pois, de acentuar o nosso *aquele,* no seu uso diurno e noturno. Assim manda o *Vocabulário.* Assim repetimos, como professor da matéria. Seria de recear que algum leitor curioso, menos paciente, nos mandasse *aquelar batatas?*

NELE. *Nele* é arroz em casca, ou na planta, na Índia Portuguêsa. Diz-nos também uma Enciclopédia, aquí aberta ao nosso lado, que *nele* é uma antiga moeda francesa.

Nele é a razão de escrevermos *nêle,* com acento.

FOR. O dicionário de Morais traz *fór,* com acento agudo, e o declara um arcaísmo que está por *foro, costume,* etc. Entretanto, Cândido de Figueiredo registra *fôr,* com acento circunflexo.

Seria, pois, de ver se o Vocabulário escolheu o melhor, fixando a prosódia for, com "o" aberto, neste arcaísmo por cuja causa escreveremos *fôr,* cada vez que nos ocorrer à pena a forma verbal.

Não deixa de ser passàvelmente antipática a preocupação de acentuar vocábulos como *fôr, aquêle, nêle, dêle, êle, tôda,* e uns tantos outros, nomes absolutamente diários, em que o acento não representa a mínima importância, afim de os diferençar dos vaguíssimos *for, aquele, nele, dele, ele, toda,* etc., que só nos aparecem, como fantasmas, fazendo ato de presença e contraste, quando queremos explicar a razão do acento nos primeiros.

São a conseqüência desagradável da norma universal que manda diferençar, gràficamente, os heterofonos, como *sôpro* e *sopro*, *fôrma* e *forma*, etc.

Acentuar bem tais nomes pressupõe um ótimo conhecimento vocabular da língua, uma boa memória e melhor imaginação. Finjamos que alguém está escrevendo a frase *se eu fôsse rei*. Ao chegar diante de "*fôsse*" há de êle se lembrar de que existe em português o verbo *fossar*, de que *fossar*, no presente do subjuntivo, é *fosse*, *fosses*, *fosse* e de que, portanto, *fôsse* do verbo *ser*, deve trazer o acento circunflexo.

Não largaremos a massa antes que relembremos não haver mais razão de chamar *homógrafos* a êsses nomes. *Fôrma* e *Forma* não têm a mesma escrita, pois que o acento estabelece a diferença gráfica.

HOMÓGRAFOS, ou nomes de grafia idêntica, são nomes como *sêde* (verbo) e *sêde* (subst.), *caso* e *caso*, *rio* e *rio*, etc.

HOMOFONOS (ou *homófonos*, como peormente se diz) — nomes de prosódia idêntica — são nomes como *sela* e *cela*, *serra* e *cerro*, *haja* e *aja*.

Nem é preciso declarar que são necessáriamente homofonos os homógrafos.

Quando não são homofonos, os homógrafos também não podem ser homógrafos, porque o acento os discrimina e estrema. E' o caso de *sêde e sede*, *fôrma* e *forma*, *sôpro* e *sopro*, e tantíssimos outros. Podem chamar-se *heterofonos*, o que diz *diferentes na prosódia*, ou *anomofonos*, que é o mesmo que dizer *não homofonos*.

DITONGOS e HIATOS — Já definimos ditongo por "seqüência vocálica emitida em uma sílaba. "E' uma seqüência comum de duas vogais, como em *pai*, *pau*, *pau meu*, *céu*, *reis*, *réis*, *boi*, *rói causa*, *rui*, *pão*, *pães*, *pões*.

A primeira vogal do ditongo pode chamar-se *prepositiva*, sendo a outra, então, *pospositiva*.

Nos exemplos acima aparecem, em sílaba única, as seqüências *ai*, *au*, *eu*, *éu*, *ei*, *éi*, *iu*, *oi*, *ói*, *ou*, *ui*,*ão*, *ãe*, *õe*.

Note-se que a intensidade fonética, na prolação delas, decresce; e êstes ditongos são *decrescentes*.

Note-se ainda que a pospositiva da seqüência é sempre "*i*" ou "*u*", apesar de gràficamente se ver "*o*" e "*e*" nos ditongos nasais.

Se cresce a intensidade fonética, da prepositiva para a pospositiva, o ditongo é crescente: *glória*, *cópia*, *vício*, *ócio*, *polícia*, *igual*, *güela*, *quando*, *freqüência*, *delinqüir*, *légua*, *nódoa*, *linguado*, *lingueta*, *averiguar*, etc.

A seqüência pode apresentar três vogais e então lhe chamam tritongo: *quais*, *iguais*, *Paraguai*, *averigüei*, *saguão*, etc.

HIATO é a seqüência vocálica emitida em duas sílabas: *baía*, *veículo*, *pío*, *moído*, *roído*, *ruído*, *ruína*, *baú*, *reúne*, *meúdo*, *viúvo caíu*, *saíu*, *aéreo*, *oceano*, *viola*, *poeta*, etc.

O ditongo pode ser átono, ou tônico, isto é, ocupar, ou não, a posição dominante do vocábulo.

O ditondo é tônico em exmeplos como *Paulo*, *jubileu*, *chapéu*, *bateis*, *batéis*, *bateia*, *platéia*, *caiu*, *apoio*, *apóio*, *faróis*, *depois*, *aflui*, *tapuia*, etc.

O ditongo é átono em exemplos como *fáceis*, *móveis*, *órgão*, *bênçãos*, etc.

O hiato é tônico em exemplos como: *baía*, *pío*, *roído*, *ruído*, *baú caiu*, *viola*, etc.

O hiato é átono...

Mas, antes, vamos discutir, porque não é pacífica a matéria que

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

oscila entre os ditongos crescentes e os hiatos átonos, como nos exemplos *glória, cópia, área, lírio*, etc.

O FORMULÁRIO de 1931 considerava proparoxítonos a vocábulos do tipo *glória, área, vácuo, brônzeo, árduo*, etc. Portanto, com hiato átono: *gló-ri-a, á-re-a*, etc.

E' sabido que, no verso, *glória* ou *brônzeo* ou *área*, etc. pode valer como dissílabo (gló-ria) ou como trissílabo (gló-ri-a).

Portanto a seqüência vocálica ora funciona como ditongo, ora funciona como hiato. Esta a razão de alguns chamarem semiditongo, uma seqüência de tal tipo.

De uma coisa não se duvida: o acentuar tais vocábulos, quer se diga haver em *glória* um ditongo crescente, átono, ques se diga ser o grupo final um hiato átono.

Z FINAL — A questão do *esse* e do *zê*, na grafia simplificada, rege-se pela etimologia.

Escrevem-se com "zê" final, etimológico, nomes como *capaz, audaz, rapaz, assaz, gaguez, endez, pez, tez, atriz, cerviz, cicatriz, juiz, atroz, feroz, foz, veloz, capuz*, etc.

Escrevem-se com "*esse*" etimológico nomes como *arrás, aliás, ananás, após, arnês, ás, atrás, gás, luís*, (moeda), *mês, país, pus, quis, rês*, etc.

No plurar: *ananases, arneses, ases, gases, meses, países*, etc..

O FORMULÁRIO de 1931 foi menos feliz quando determinou escrever-se com "zê" os nomes próprios em *az, ez, iz, oz, uz*, indiscriminadamente, contrariando a etimologia de alguns, como *Tomás, Luís, Luísa, Dinis, Assis, Garcês* (?), onde o final, pela origem pede "*esse*".

O Vocabulário de 1931, não registrando por exemplo, Diniz ou Garcez, entretanto cataloga *Tomaz, Luiz, Assiz*. Mas *Jesús, París, Moisés*.

Ao lado de *Tomaz*, apresenta *Tomásia;* ao lado de *Luiz, Luiza* e o nome comum *luís*, o qual é o mesmo nome próprio tornado comum, em sentido de moeda.

Se Garcez não está no *Vocabulário*, está entre os exemplos do *Formulário*, enquanto o Vocabulário, se o trouxesse, também o poria ao lado do nome comum *garcês*.

A coisa ficou mal resolvida, bem se vê. O PEQUENO VOCABULÁRIO da Academia, aprovado em agôsto de 1943, promete, em separado, um VOCABULÁRIO ONOMÁSTICO, não tendo agora, cuidado de nomes próprios. Aguardemos resolução melhor do que a de 1931.

* * *

Nos exemplos *falaram-me de você* ou *falaram-me de sua terra*, as expressões "de você" e "de sua terra" estão declarando o assunto de que se falou; uma e outra é *adjunto adverbial de matéria*.

E nada mais digo da coisa, que ela envolve um dos mais palpitantes assuntos, no grave problema da sistematização e unificação terminológica de nossa análise sintática.

NOTA — CONSULTAS PARA ESTA REDAÇÃO.

Todo exagêro produz geralmente o contrário do fim previsto. Assim, as palavras servem para tornar as idéias perceptíveis, mas sómente até certo ponto.

SCHOPENHAUER

Conversas de Laboratório

Continuação de

Um Romance Sôbre o Açucar de Uva

Às Profs. Ester Assumpção e dignas auxiliares no Instituto Pestalozzi

Ensinar crianças, nem sempre é uma simples obrigação, ou o atlruístico prazer de formação de caracteres e talentos; pode ser ainda um desporte egoístico: a avaliação de possíveis habilidades pedagógicas em se inculcar conhecimentos de velhos cientistas a inteligência ultra jovens.

Foi êste o meu ponto de vista no Instituto Pestalozzi e estou sem saber a quem mais devo, se aos alunos motivando as experiências, se às profesosras, tolerando-me em suas classes. Dessas pacientes educadoras não sei também o que mais admire, se aperfeição nos seus ensinamentos, se a extrema bondade para comigo.

H. Marques LISBOA

IV CAPÍTULO

CONVERSAS DO AÇÚCAR DE UVA COM O LEUCÓCITO SÁBIO

Apresentação — Amiguinho leitor, o título deste capítulo obriga-me primeiramente a dizer o que é um *leucócito*, principalmente sábio.

Começo a explicação com o recurso dos dicionários, isto é, arranjando-lhe um outro nome: GLÓBULO BRANCO. Em seguida faço a declaração de ser bem modesta a sabedoria que emprestarei ao tipo romântico, vindo aquí para conversar. Antes, porém, de ir para diante, tenho de confessar, que melhor início de *apresentação* é o seguinte:

UM LEUCÓCITO E' UMA CÉLULA

Isto nos trás à memória cada uma das pequeninas contas de rosário das já conhecidas *Nostocáceas*. Há entretanto várias diferenças, dígnas de nota, afastando os glóbulos brancos das lindas células esféricas, *verde-azuladas*, facilmente encontradas nas poças dágua:

a) — Os Leucócitos não vivem nessas águas e sim em *líquidos finos* de organismos complicados;

b) — não possuem qualquer das côres *isoladas* do arco-iris e por isso são chamados *brancos;*

c) — são boêmios, intrometem-se por tôdas as partes do corpo em que nascerem, praticando, com grande "*engenho e arte*", vários trabalhos úteis.

Esquisitice — Os leucócitos, no corpo humano, por ex., transitam em líquidos finos (ou *gran-finos*, se você quiser) e êstes líquidos *transportam alimentos e recebem excretas*.

Parece esquisito?

Parece, mas não é, isso é regra muito geral, pois já as contas verde-azuladas fazem o despejo dos dejectos na própria água de que se *alimentam*.

Que porcaria! Exclamará você.

Não, amiguinho leitor, isto é comum em tôdos os seres vivos e vários são os processos de destruição ou de afastamento das dejeções, nas águas utilizadas como potáveis.

Um método de esgôto (para dejectos humanos) sem má aparência, mas inteiramente reprovável, foi observado há muitos anos em uma grande fazenda. Lindos eram aí os cafesais, esplêndidos os passeios a cavalo, numerosa gente moça e alegre completava os encantos dessa temporada verdadeiramente deliciosa; mas... quando um dos rapazes, então em férias, se fechava na casinha rústica, de madeira, disposta sôbre um pequeno curso dágua, corriam rápidos para lá, os bandos de suinos.

Isso sim, isso era grave, primeiro porque os porcos arriscavam-se a contrair *cangiquinha* e a disseminar

então a SOLITÁRIA, entre os comedores de carnes cruas ou simplesmente sangrentas; em segundo lugar, porque essa água era aproveitada pelos moradores a jusante, podendo transmitir-lhes a ESQUISOSTOMOSE ou DISENTERIAS sérias.

Voltemos às cadeias *verde-azuladas*, caso em que os devoradores de excretas são algumas bactérias. Estas vivem purificando a água de banho e de alimento, pois transformam os dejectos em *nitratos*, êsess adubos tão úteis para o crescimento dos vegetais.

Progresso — Em outras Cianofíceas (OSCILÁRIAS) a limpeza é promovida pela própria fila de células. Êsses tipos, também verde-azulados, não apresentam forma de rosário, teem o aspecto de *pilhas de tijolos*, muito longas e oscilantes. Quando se *inclinam lentamente* para um lado, afastam-se a pouco e pouco dos próprios excretas, aproximando portanto de água ainda límpa; quando, ao contrário, voltam vagarosamente para o lado primitivo, já a *difusão*, e também as correntes de água, removeram as sujeiras.

Passemos agora a indagar, o modo de purificação dos *líquidos*, em que viajam os *leucócitos*, dentro de organismos tais como o nosso.

Um desses líquidos, chamados LINFA, *escoa-se suavemente*, pelos interstícios das células formadoras de TECIDOS e é também encontrado nos VASOS LINFÁTICOS...

— O meu amigo está atordoado? Tem razão. Preciso metodizar o assunto e, para êsse fim, vou dividí-lo em várias partes: *tecidos, escoamentos suaves, linfa, canais linfáticas*, etc.

Tecidos — Imaginemos (como em romance) alguns rosários, de *Nostocáceas amedrontadas*, encostando-se e apertando-se bem, para se defenderem dos abraços liquenianos, os tais da Simbiose.

Formariam, assim, um bloco compacto, em que as esferas centrais não seriam bem arredondadas, mas, apesar de meio achatadas, apesar de algumas se aprecerem com *tijolinhos*, deixariam recantos, para a passagem de um pouco de líquido (Fig. 1).

Deixemos êsse falso tecido e procuremos um exemplo real.

Está sempre ao seu alcance, como bom exemplo, uma fatia de músculo de boi, ou BIFE: pedaço de TECIDO MUSCULAR.

Você já viu que a carne, quando muito bem cozida, se desfia em *fibras musculares;* pois bem, cada uma delas, vista ao microscópio, mostra-se formada de várias *células muito alongadas*, semelhantes entre si ebem justapostas. Por mais ajustadas que estejam, deixam sempre entre si *lacunas* para a passagem da LINFA benfazeja. Esta transporta para os músculos oxigênio, *combustíveis*, etc., e remove para longe dêles os *resíduos*. Êstes lembram a cinza, a fumaça, etc., escapadas das máquinas que trabalham com carvão ou lenha.

Antes de prosseguir, quero falar em outra vantagem da existência de um líquido nos interstícios: isso contribui para flexibilidade dos organismos vivos. Os tijolinhos são elásticos e flexíveis, mas se estivessem presos por uma argamassa sólida como a cal e o cimento, estaria perdida a plasticidade. E' verdade que em alguns tecidos, como o *cartilaginoso* e o *ósseo*, as células (de pequena atividade), ficam enclausuradas em substâncias resistentes, a cartilagem e o osso. A capacidade de serem embebidos pela linfa, permitirá, entretanto, a renovação dos líquidos, ainda que muito vagarosamente.

Amiguinho leitor, minha mania de procurar clareza por meio de comparações, permite-me considerar a maioria dos tecidos do organismo humano, como trechos de um território agreste no interior do Brasil; só assim poderei dar uma idéia do movimento da linfa e dos leucócitos.

Escoamento — Considerando os espaços entre as células, como os de um denso matagal, onde os caminhos são difíceis para os viajantes, podemos pensar em um indivíduo, per-

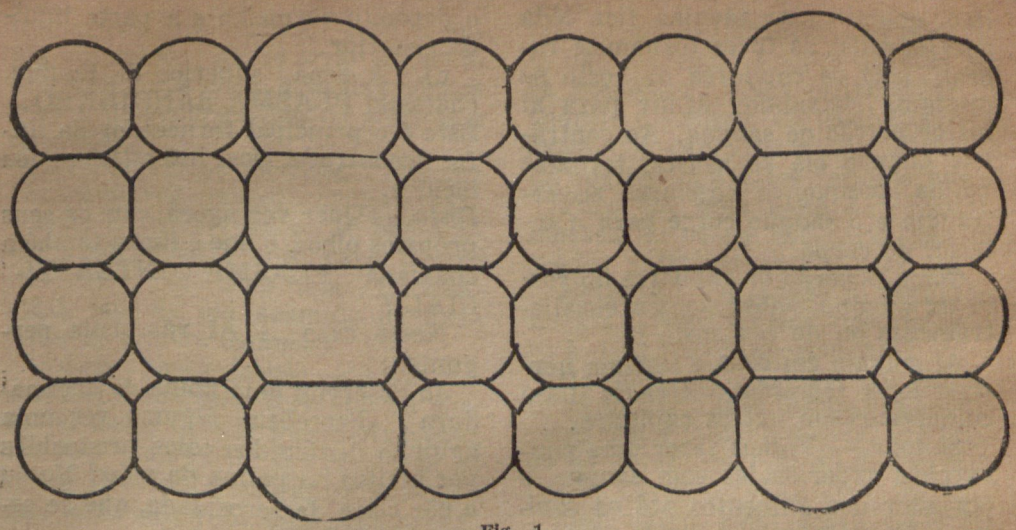

Fig. 1

dido por entre o arvoredo, o cipoal e os espinheiros, bem descritos por Euclides da Cunha, em OS SERTÕES. Caminhará êle ajeitando-se por entre os obstáculos até encontrar trilhas, picadas ou mesmo boas estradas.

Em nosso organismo, o leucócito arranja *falsos pés*, isto é, estica um prolongamento para um lado e deslisa um pouco para aí; depois muda a direção, alongando-se mais em outro sentido, esgueirando-se mais para lá. Assim movimenta-se, para onde é atraído.

Nas florestas, além das trilhas e dos espaços entre as árvores, há regos, córregos e mesmo rios, por onde se escoam as águas; nos tecidos os vãos entre as células, conduzem a espaços, onde a *linfa* encontra vasos *linfáticos* abertos e vasos *sanguíneos* sem aberturas. Êstes são, porém, muito permeáveis aos líquidos.

O Leucócito, cambaleando entre as células e seguindo com a linfa pelos regos, trilhas e picadas, encontrará então, êsess dois tipos de estradas: a linfática e a sanguínea.

a) A 1.ª, uma espécie de túnel que se inicia nos espaços intersticiais (ou lacunas) e portanto, tem aí abertura franca. Parece estrada para LERDOS carros de boi, ou para as antigas diligências. Só é convidativa por ser fácil a entrada em sua embocadura.

b) A 2.ª é também túnel, mas inteiramente fechado. Lembra os *sub-wais*, aquelas estradas subterrâneas de trens VELOZES, que você já viu em filmes cinematográficos.

A maior parte da linfa se infiltra pelas paredes dos subterrâneos fechados e passa então, para a corrente veloz do sague. O leucócito porém precisa de muita habilidade para transpor os tijolinhos e por isso seu caminho natural é o vagaroso.

Capilares — Os cientistas comparam os túneis fechados a fios de cabelo e por isso os chamaram: CAPILARES. Êles são bem mais finos do que isso, mas não faz mal.

Os capilares constituem a parte mais importante do sistema circulatório, pois é aí que o oxigênio sai para permitir trabalhos e é por aí que são retirados o gás carbônico e os outros resíduos do trabalho.

O sangue não molha diretamente as células dos tecidos a não ser (em parte) no fígado,, no baço, na medula dos ossos e nos alvéolos pulmonares, portanto, as artérias e as veias só servem como *auxiliares*. O coração é o motor que impulsiona a corrente sanguínea por estas três espécies de vasos.

As células, formadoras das paredes dos túneis capilares, podem se dilatar , alargando o canal, ou podem se encolher, estreitando-o. Por

isso, quando uma menina fica tôda encalistrada, as faces tornam-se rubras, pois os capilares do rosto se dilatam, deixando afluir para aí maior porção de sangue. Ao contrário, quando ela se asusta, torna-se pálida, porque os capilares se estreitam e o sangue corre para o interior do corpo.

Como poderão os capilares do rosto da menina, saber do seu encalistramento ou do seu susto ?

Aí entram em cena o sistema nervoso e as *secreções internas;* disso cuidaremos em outros capítulos.

Sangue — Vamos fazer uma pausa para experiências com sangue, o portador dos alimentos até os *capilares*. E' também o recebedor dos resíduos e secreções internas, nesses mesmos capilares.

Passaremos a uma observação:

13.º *Trabalho Prático* — SANGUE não COAGULADO.

I — Você poderá pedir em um laboratório de análises de sangue, ou em algum Hospital, um pouco de sangue oxalatado, colhido para provas de sedimentação. Se você não conhece algum médico analista, as professoras ou os seus amigos certamente conhecerão.

II — Despejar o sangue recebido em um vidro bem sêco e bastante alto (como por exemplo, os de comprimidos contra dôres) e deixá-lo em repouso por cêrca de uma hora.

III — Despejar, além disso, um centímetro cúbico do sangue recebido em um pequeno vidro e enchê-lo com água de torneira.

Êste vidro vai se prestar para observação da HEMOGLOBINA, bastando para isso enchê-lo com água da torneira. A hemoglobina disolvendo-se na água, abandona os glóbulos e dá côr vermelha transparente a todo o líquido.

O vidro alto, com muito sangue e em repouso, servirá para a observação de TRES CAMADAS assim discriminadas:

a) *Um grande depósito turvo*: camada dos GLÓBULOS VERMELHOS. Êstes por serem mais pesados, vão para o fundo da vasilha.

b) Uma ligeira *camadinha branca*, a dos LEUCÓCITOS, separando o depósito vermelho e a parte líquida superior.

c) A zona superior de líquido, chamado PLASMA SANGUÍNEO. Êste é o principal fornecedor da linfa encontrada nos interstícios dos tecidos.

Iinfa — Quer ver agora, com os seus próprios olhos, o que é linfa, também chamada PLASMA INTERSTICIAL ?

Nesse caso... Aí vão mais perguntas:

Já observou uma bôlha de queimadura ? Percebeu alguma vez uma aguinha dentro dos calos produzidos por atritos na palma da mão? Notou a côr clara da serosidade, que se escoa das bôlhas ?

Êsse líquido é a LINFA ou PLASMA INTERSTICIAL.

Êste último nome é bem dado, pois ela aparece nos interstícios dos tecidos, principalmente por ter saído do PLASMA SANGUINEO, decorando ou filtrando, ou melhor, por *osmose* através dos tijojlinhos, aqueles que formam os túneis inteiramente fechados.

A linfa deve porejar principalmente na porção inicial do capilar, isto é, no ponto em que ela nasce de uma arteriazinha minúscula (arteríola). Nesse momento está ela muito rica em alimentos e em *Oxigênio*.

Saindo, percorre ela um pequeno trecho de interstícios ou lacunas e volta para o interior dêste mesmo ou de outro capilar, mas, agora, nos trechos finais do túnelzinho, quando está a se transformar em veiazinha minúscula (venula).

Está agora *pobre* em alimentos e Oxigênio, mas, no entanto, enriquecida de resíduos lançados pelas células nos intervalos do tecido. Entre êstes está o gás carbônico (Co_2) e excreções ou, em certos casos, secreções internas. (Tireóide, Ilhotas, do pâncreas, Hipófise, etc.).

Pobre não é bem o têrmo a ser empregado, pois no retôrno aos capilares, trás resíduos, como por exemplo o excesso de gás carbônico (Co_2) e várias excreções (ou secreções internas) das células banhadas por ela.

Podemos concluir que o líquido saído, percorre pequenos trechos de

interstícios dos tecidos, com a dupla finalidade: a) de levar alimento diretamente a cada uma das células e b) a de remover-lhes os detritos e secreções.

Se, por certos motivos, *exsudar* dos capilares uma quantidade exagerada dêses líquido, ou se não houver *retôrno* suficiente para dentro dos vasos, teremos uma INCHAÇÃO, isto é: um acúmulo de linfa entre as células (*Edema*).

Assim, por exemplo, quando um maribondo dá uma ferroada na ponta do nariz de um garôto travêsso, êle fica trombudo. Os capilares do nariz ficaram dessorando muito, o que aliás acarreta duas vantagens:

1.ª — a diluição do veneno e diminuição da dôr;

2.ª — Uma gradativa remoção do tóxico para dentro dos capilares e daí, até aos rins, ou outra região em que seja eliminado.

Se, em vez de um maribondo, fôr um médico injetando uma droga, entre as fibras de um músculo qualquer, ou sob a pele, o medicamento será diluído na linfa e removido, para onde tenha de exercer seus efeitos curativos.

Se a questão fôr mais violenta, se alguém der uma forte paulada na cabeça de um *menino levado*, provocará no lugar da pancada um arrebentamento de túneis capilares ou de algumas arteríolas, e os tijolos, assim arrebentados ou deslocados, deixarão extravasar sangue, formando um GALO. A reabsorção dos glóbulos sanguíneos derramados aí será muito demorada e por isso a mancha arroxeada custará a desaparecer.

Canais Linfáticos — Os túneis em algumas regiões, abertos ao *trânsito moroso*, recebem muitos glóbulos de gordura, mas somente uma pequena parte do fluido intersticial; a êste parece faltar sempre a paciência necessária para acompanhar uma fila preguiçosa, prefere forçar passagem, por osmose, para dentro dos capilares sanguíneos.

Os glóbulos brancos podem sair para fora dos capilares, escapulindo por entre suas células flexíveis, mas não acredito que costumem entrar, partindo da linfa para o seu interior, pois os canais linfáticos, seu ambiente natural, estão sempre abertos para recebê-los. Nas inflamações é enorme o número de leucócitos, que saem dos capilares muito dilatados da região. A's vezes formam pús.

Para dar uma idéia da marcha morosa do nosso Leucócito, nas estradas linfáticas, vou narrar um

Episódio — A cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, fica em frente à de Artigas, no Uruguai.

Há quase meio século, um viajante ao chegar a esta última cidade, teve de tomar uma diligência, lembrando as do antigo *Far-West*, puxada por 10 cavalos.

Saíu, ainda com escuro, às 4 horas e meia. Era inverno, soprava o *minuano*, vento pouco agradável porque, não respeitando integralmente as luvas e o sobretudo, insinua-se por dentro das mangas e, de vez emquando, até por dentro da gola.

Dois viajantes, foram forçados a ir na boléia, ao lado do cocheiro, para ceder a senhoras e crianças, o interior abrigado e acolchoado do coche. Isso, dentro em pouco, foi grande vantagem, em vista dos panoramas e de várias ocorrências interessantes.

Durante o trajeto, houve cêrca de doze paradas, para as mudanças de parelhas. Em duas delas havia bons restaurantes e os viajantes puderam desenferrujar as pernas e tomar os seus repastos.

Viagem demorada (como a da linfa nos canais linfáticos), só ao entardecer realizou-se a chegada a Mello, de onde partia uma estrada de ferro. No dia imediato tornou-se notável o contraste entre a marcha lenta da carruagem da véspera e a velocidade do trem de luxo em caminho para a capital uruguaia.

Comparação — Semelhantemente, os linfáticos depois de uma longa e morosa viagem, despejam seus leucócitos e glóbulos de gordura, em uma *vêia* próxima do coração. Aí é veloz o curso do sangue, e a comparação serve ainda (embora mal mal) porque as numerosas estalajens lembram os GANGLIOS LINFÁTICOS, onde os leucocitos se espalham se refazem e se revezam. Êsses gân-

glios, como veremos em outro capítulo do romance, são altamente importantes.

Deixando o canal linfático, o nosso Leucócito, agora misturado com o sangue, chega ràpidamente ao lado direito do coração e daí, como você sabe, é lançado aos pulmões. Areja-se um pouco e volta ao coração, mas para o lado esquerdo. O ventríloquo contrai-se, com energia, e joga-o pela *crossa da aorta* a caminho de qualquer um dos tecidos do organismo. Foi destino do nosso personagem a subida pelo pescoço com endereço a uma das amígdalas.

Fez aí momentaneamente ponto de parada, pois, boêmio infatigável, não demorará muito em reencetar suas longas peregrinações.

Durante essa parada, façamos uma experiência.

MAISENA — O pacotinho sai da prateleira para realização do 14.º *Trabalho Prático* — *MANJAR* NORTISTA.

I — Colocar em uma panelinha duas colheres de sopa, bem cheias de maisena e duas de açúcar. Misturar.

II — Acrescentar uma colherinha de manteiga com *sal* e uma gema de ovo. Remexer.

III — Juntar aos poucos, para não formar grumos, o conteúdo de um vidro de leite de coco, bem sacudido

IV — Rematar com algumas gotas de limão (vitamina "C").

Depois de cozimento, em fogo brando, a geladeira dará a êsse conjunto o aspecto de um ótimo *manjar-grosso*, podendo ser cortado em fatias deliciosas.

Veja, amiguinho leitor, que você imitou o Róbinson Crúsoe: 1.º os hidratos de carbono (farinha e açúcar) 2.º as gorduras (um pouco de manteiga); 3.º proteínas (ovos e leite de côco). O náufrago não pensou nas vitaminas, mas certamente encontrou frutas do mato.

Uma garotinha pachorrenta aparece agora e tira uma das fatias. Com calma, demoradamente, aos bocadinhos, vai mastigando o manjar, saboreando-o e ensalivando-o bem.

Digestão pela *Saliva* — Amiguinho leitor, você gostaria de ver como êsse manjar, ou uma qualquer *farinha cozida* podem ser fàcilmente digeridos na bôca, *desde que aí demorem bastante tempo?*

15.º *Trabalho Prático* — *VOLTA* do AÇÚCAR DE UVA.

I — Colocar, em um tubo longo, uma pitada de farinha de chuchú e dois ou mais centímetros cúbicos de água.

II — Agitar bem ao açúcar na lâmpada de alcool. Cuidado para evitar espirros do líquido quente.

III — Cohida a farinha, o manjar *nortista pode servir*), dividir o mingáu assim formado em dois vidrinhos.

IV — Acrescentar, aos dois algumas gotas de tintura de Iodo e notar a côr azul-escuro.

V — Adicionar ao 2.º *bastante saliva* e observar algum tempo, notando: primeiramente que a côr escura, se tornou arroxeada (mistura de vermelho com azul) sucedendo-se finalmente a descoloração. A dextrina, a princípio vermelha, tornou-se, depois incolor. O remate será um desmoronamento completo em AÇÚCAR de um SO' ANDAR, verificável por algumas gôtas de *Benedict*.

Há nas papelarias *Pastas* para colar, feitas com amido dextrinizado. Simples vestígios de tais gomas tomam côr vinhosa característica, quando misturadas de bastante água e uma gota de tintura de iodo.

CONVERSA

Conversa Fiada — Na bôca da garotinha pachorrenta, os andares do manjar se desmoronaram em porções de açúcar de um só pavimento — *moléculas de glicose* —. E' chegado então o momento do Leucócito sábio, esgueirar-se a aproximar-se da romântica molécula, *a nossa heroína*, agora libertada.

Êle não gosta do nome — *açúcar de uva* — popular e masculino, por isso, começou assim o seu discurso:

— Querida visitante, D. Glicose, meus votos de boas vindas a êste país encantado. Saberá a senhora que os manjares engulidos depressa, so-

mente no *duodeno*, é que se desmoronarão em blocos ou andares, isto é, que se reduzem a *pavimentos isolados?* Pois é assim, e só aí é que atravessarão as paredes do intestino e chegarão ao *líquido intersticial*, a caminho então para os capilares do mesentério. Com você, o caso é outro, você entrou, em bôca de gente calma e portanto, pôde ser libertada dêsse longo trajeto. Em vista disso, posso perguntar-lhe: Quer fazer uma viajem interesasnte, em minha, também interesasnte, companhia ?

— Embora você me pareça um tanto pretencioso, respondeu a molécula de glicose, seduz-me a sua conversa e aceito o convite.

— Várias são as estações para início do nosso passeio:

a) — Na base da língua, bem para trás, há uma série de entradas *linfáticas;*

b) aos lados da garganta, há as enormes estações chamadas *amígdalas;*

c) no fundo, muito no fundo da bôca e do nariz, existem inúmeros caminhos *adenoides*, que, se inflamados, levam as crianças a respirarem de bôca aberta.

— refiro-me às importantes *amígdalas.*

Quís então, o Leucócito resguardar devidamente sua convidada, contra os riscos da viagem e avisou:

— Para entrar pelos diversos tecidos, formarei um saco protetor, como o dos Cangurús (fig. 2) e você viajará nele, clandestinamente, sem riscos de ser absorvida por alguma célula faminta. Deve saber desde já que é muito cobiçada.

— Amigo sabichão, peço informar-me porque motivo serei eu cobiçada.

— A minha sabedoria, não é tanta quanto você pode pensar, mas sei de, pelo menos, dois motivos:

O primeiro é ser, a minha prezada *Glicose*, o ALICERCE de tôda a substância viva; sem você, nem o pé de milho, nem outro corpo vivo, poderia começar a construir qualquer matéria orgânica.

O segundo motivo é o ESTOURO da BOMBA, é a EXPLOSÃO muito

Fig. 2

necessária para vários trabalhos. Com isso não quero compará-la a um cilindro de dinamite, arrebentador de rochedos, mas você verá que é a melhor fonte de energia para todos os trabalhos dos animais.

Dito isto e tendo escondido a viajante na bolsa de cangurú, o cicerone, rastejando, aproximou-se da amígdala mais próxima e já se intrometia nesse tecido *linfoide*, quando ela exclamou:

— E' extraordinário o movimento por aquí. Quanta coisa a entrar e a sair; a maioria dos viajantes se parece com você.

— Tem razão, aquí trabalham principalmente os meus irmãos e os meus primos; estes são bem maiores e foram batizados macrófagos— *Macro*, quer dizer grande e *fagos* quer dizer comedor. Nós, os miudos, temos o nome de — *micrófagos*.

Depois de uma pausa, êle continuou:

— As nossas comedorias são acompipes muitas vezes perigosos: Microbios vários entram pela bôca, muitos englobados por nós, e, ao entrarmos nos tecidos, nos podem matar e provocar aí moléstias inflamatórias. Assim, às vezes estragam as amígdalas, que por isso, terão de ser arrancadas; outras vezes o território invadido é o fundo da bôca, que se torna salpicada de *granulações adenoides*. A raspagem permite a retirada dos grânulos.

— Mas porque a existência de tais *tecidos linfoides ?*

— São órgãos de defesa.

— Livra !

— Não. Não é negócio de *livra* — Quando adoecem é que falham em suas finalidades. O leucocito encosta-se no micróbio, alonga-se aos lados, e fecha-se por trás dêle como em um abraço; finalmente, transborda também por cima e por baixo do inimigo e assim, o engloba dentro do protoplasma.

Auxílio — Amiguinho leitor, para auxiliar o Leucócito engenhoso, vou contar uma história minúscula.

"Durante uma guerra terrível, certa fortaleza resistia de modo brilhante a todos os assaltos do inimigo. As fôrças cercadas e sem meios de comunicação com os exércitos amigos, passavam privações, mas não não se rendiam. O inimigo esperneava por não poder eliminar de sua retaguarda êsse terrível *ouriço*.

Passaram-se meses e ffinalmente os aliados vitoriosos, desbarataram os invasores, libertando a fortaleza invencível. Não tardou, porém, que se mudassem os tempos. O inimigo em retirada, adquiriu grandes reforços e voltou à carga. Os aliados da fortaleza foram perdendo terreno e de novo surgiu a ameaça de cêrco.

As condições eram porém, melhores, havia abundância de material bélico e de comestíveis. A confiança era enorme, pois a entrada dos adversários pelos formidáveis portões fechados, seria realização impossível. *Mas*...

Surgiu um terrível *mas*...

O inimigo empregou uma tática imprevista: fingiu possuir fracos efetivos, aproximou-se das entradas com p ouca g ente; o comandante do forte entendeu ser fácil desbaratar êses poucos agressores, e ordenou franca abertura das entradas. Por elas sairam massas de soldados, carros de combate, etc., prontos para uma vitória certa.

Qual foi porém, a triste surpresa: por trás da fôrça mínima havia uma fôrça máxima e a derrota dos defensores permitiu a penetração fácil, por pasagens largamente abertas por êles próprios.

As amígdalas são como essa fortaleza histórica: quando abertas inconvenientemente, mudam a sua finalidade.

Fig. 3

Melhor comparação — Na bôca, a maioria das bacterias não têm elementos de locomoção e, mesmo as possuidoras de *cílios locomotores*, não podem penetrar por si mesmas nos tecidos vivos. Imóveis, ou quasi, podem entretanto, ser englobadas pelos leucócitos, certamente com o intuito de digestão, *mas*...

E aquí volta o aparecimento do terrível *mas*...

Os defensores englobando-as no interior do citoplasma têm de embebê-las em um suco ou secreção digestiva, para digerí-las. Isso leva muito tempo e se nesse intervado os leucocitos seguem para dentro dos tecidos linfoides, aí, ou matam ou sucumbem. Neste último caso permitem aos *germens morbígenos* uma cômoda instalação.

Isto trás-me à lembrança versos de um poeta latino, referente ao célebre e colossal *cavalo de Troia*. Os gregos o fizeram inteiramente de madeira e o doaram aos troianos. Éstes, ignorando a existência de soldados inimigos no interior da enorme barriga do equino, o puxaram festivamente para o interior da cidade fortaleza. A semelhança com os leucócitos está em que êles são bem recebidos mesmo quando constituem um: "presente de gregos".

Um dos bacilos às vezes englobado, e especialmente indigesto, é o da TUBERCULOSE. Carregado primeiramente para os gânglios linfáticos do pescoço; se vencer e proliferar, promoverá aí, um caso de *Escrófula*, se prosseguir, levará mais longe seus malefícios, mas se a bactéria fôr cercada por vários defensores e se fôr derrotada, teremos conseguido IMUNIDADE.

Isto é bastante comum entre os individuos cuidadosos quando frequentadores dos hospitais e sanatorios, pois raros são os que assim se contaminam. As defesas costumam funcionar corretamente, se não se exageram as possibilidades de contágio.

Experiências interessantes mostram que os *inúmeros* trechos, também linfoides, ao longo de tôdo o intestino, são as portas de entrada mais frequentes para êsse terrivel bacilo. Antes porém de irmos até lá, paremos nos gânglios do pescoço, de onde no próximo capítulo, seguiremos para os pulmões, com ou sem tuberculose.

NOTA — Os rotulos de *macrófagos* e *microfagos* são antigos, hoje há nomes mais específicos e mais numerosos para as células fagocitárias. Em devido tempo os conheceremos.

PERGUNTAS

1.ª As côres ISOLADAS do arco-iris são mais de 7, mas tôdas essas côres REUNIDAS formam uma só. Qual?

2.ª Como deveria ser instalada a casinha na fazenda cafeeira?

3.ª Que é *Cangiquinha* e que relações tem ela com a *Solitária?*

4.ª Que fazem de útil as bactérias que vivem nas putrefações?

5.ª Conhece algum tecido diferente dos musculos de boi?

6.ª Que há nos túneis inteiramente fechados? E que há nos que têm a porta de entrada aberta?

7.ª Que há nas três camadas de sangue não coagulado?

8.ª Como se póde saber se uma farinha misturada com sa va já sofreu desmoronamentos até açucar de um só andar?

9.ª Como um Leusócito pode englobar e como devorar um micróbio?

10.ª Que acontece a um frequentador de enfermaria de tuberculosos, quando não pratica abusos e suas defesas funcionam corretamente?

A simplicidade sempre foi atributo, não sómente da verdade como do próprio gênio.

Pelotão de Saúde

(ALGUMAS SUGESTÕES)

Anita FONSECA.

De uma dedicada profesosra em um dos estabelecimentos de ensino do interior recebemos a seguinte carta:

Prezada colega:

"Tem esta o fim de solicitar-lhe alguns esclarecimentos. Trata-se do pelotão de Saúde". Minha classe está muito interessada pela saúde dos colegas, tendo até organizado uma farmácia em miniatura. Penso que o terreno está preparado para se lançar a idéia do Pelotão de Saúde. Entretanto surge uma dificuldade. Espero que você me ajude a resolvê-la. Não tenho nenhuma experiência a respeito, nem mesmo em leituras. Posos contar coma a sua ajuda ?"

Eis aí motivado êste trabalho, que outro objetivo não tem se não o de ajudar a professora em aprêço, bem como a tôdas as outras que estiverem em idêntica dificuldade.

O nosso Regulamento de Ensino Primário, pág. 54, art. 205 206, diz o seguinte: "Serão organizadas nas escolas associações de alunos nos moldes dos chamados pelotões e cruzadas de saúde, os quais se destinam a incutir e fixar hábitos de higiene nos escolares e a generalizá-los na localidade". E acrescenta: "Os pelotões e cruzadas de saúde serão organizados e orientados pelos médicos e enfermeiras escolares, de acôrdo com as instruções espedidas pela respectiva inspetoria".

Nem tôdas as escolas contam com médicos e enfermeiras a seu serviço E, nesse caso, não se funda a instituição? De modo algum. Acreditamos que "incutir e fixar hábitos de higiene e saúde "tôda profesosra está em condições de fazê-lo, e da maneira inteligente como guiar o Pelotão, muitos benefícios e positivos resultados poderá obter para a sua classe.

Na organização de tôda atividade escolar há quatro pontos importantes a serem observados: a) ter um objetivo; b) organizar um programa de atividades; c) elaborar um plano para a realização do programa; d) levar a efeito o plano, ainda que surjam dificuldades.

O objetivo do Pelotão de Saúde está fixado no Regulamento citado, e consiste em "incutir e fixar hábitos de higiene e saúde". Para incutir êsses hábitos é necessário começar por interessar as crianças pela própria saúde. Por outro lado, os hábitos a serem incutidos não devem referir-se apenas à higiene do corpo e sim, também, à *higiene mental.*

Os cuidados de higiene mental são tanto ou mais necessários que os do corpo, para a saúde do organismo. Já não se tem notado, por exemplo, os transtornos fisiológicos e psicológicos que produz o mêdo nas crianças e até mesmo nos adultos? Mêdo de fantasmas, mêdo de ladrões, mêdo de doenças, mêdo dos exames, etc. E que dizer da cólera, do ciúme, da inveja, do egoísmo, das discussões iuúteis, das palavras grosseiras etc.? Que desperdício de energia não provocam! Não manifesta isto a presença na mente de pensamentos inferiores, viciosos, os quais, influenciando a vontade, procuram concretizar-se em palavras, gestos e ações que desgastam energias e rebaixam o caráter? Para gozar boa saúde é, pois, necessário começar-se por essa limpeza "interna", porquanto ninguém pode contestar a grande relação existente entre corpo e mente, expressada na velha frase: "mens sana in corpore sano".

A propósito da higiene mental, são dignas de meditação as palavras seguintes do grande psicólogo sul-americano RAUMSOL, extraídas do importante estudo que faz sôbre "Profilaxia Mental."

"Quantas vezes a ciência humana "se tem perguntado porque não sur- "tem o efeito desejado os contínuos "conselhos e campanhas profiláticas "levadas a cabo com o objeto de pre- "venir certas enfermidade e dar os "elementos para lutar contra outras.

"Se bem que as afecções do organismo sejam estados patológicos que "o corpo sofre, umas vezes por im- "previsão e outras por contágio, elas "se devem na maioria dos casos, a "descuidos de ordem mental que "sempre precedem as enfermidades A profilaxia deve, então, começar pelo ambiente mental.

"Tem-se visto que voluntária ou involuntàriamente, o ser humano "atrai os males que corroem o corpo. Em muitos casos é precisamente o pensamento que predispõe o organismo ao contágio. O homem não "deve temer as enfermidades e sim "precaver-se delas. Isto significa "que quem as teme debilita suas defesas. Em muitas histórias clínicas "se tem comprovado que seres preocupados por uma determinada enfermidade, se viram de pronto apanha- "dos por elas e muitas vezes com ca- "racteres alarmantes. Essa mesma apreensão é que oferece aos terríveis inimigos da saúde campo propício e vulnerável para minar o organismo humano".

Pensamos que não são necessárias outras citações para mostrar a importância da higiene mental. Pareceria difícil à cliança, cujo pensamento é tão instável, tão fugaz, praticar essa higiene. Entretanto, com uma educação adequada e uma direção inteligente, obtêm-se resultados satisfatórios. Basta interessá-la por êsses cuidados, fazendo-a sentir a sua importância para a própria saúde, bem estar e felicidade. Por outro lado, o exemplo da professora, dos pais e dos que rodeiam a criança, é fator inestimável para o sucesso de tôda educação. Os sócios do Pelotão de Saúde poderiam ir-se habituando a praticar alguns conselhos simples, como, por exemplo:

a) estar sempre calmo e paciente;
b) estar sempre alegre;
c) refrear o mais possível os impulsos de cólera ou violência;
d) evitar brigas, discussões inúteis;
e) evitar as más conversações;
f) não escutar nem dizer más palavras;
g) não zangar-se mais que o necessário;
h) não irritar-se nem aborrecer-se quando as cousas não lhe sairem bem;
i) dizer sempre a verdade;
j) Pensar, dizer e fazer só o que sabe que é benéfico.
l) falar sempre bem de todos.

Êstes e outros conselhos que a professora julgar mais necessários, podem ser dados à classe. Tais conselhos observados diàriamente pelos alunos na escola, em casa, na rua, onde estiverem, haverão de beneficiálos extraordinàraimente. Além dêstes, a professora e a família propiciarão outros cuidados, como: cercar a criança, no possível, de imagens belas; evitar as más gravuras, as más leituras, os ambientes indesejáveis, as músicas comuns, excitantes ou frívolas, as histórias que possam provocar o terror aos fantasmas, aos ladrões, os máus filmes, as aventuras policiais demasiado excitantes, histórias de crimes, etc., persuadindo-as de que é melhor brincar ao ar livre do que estar numa sala de cinema de ar confinado, viciado, emocionando-se com filmes nem sempre desejáveis, e onde os inimigos da saúde encontram campo propício para a sua expansão.

Recordemos aquí, por julgá-la oportuna, a advertência de S. Paulo, Apóstolo, contida na epístola aos filipenses, "Novo Testamento", pág. 212.

"Quanto ao mais, irmãos, tudo o "que é verdadeiro, tudo o que é ho- "nesto, tudo o que é justo, tudo o "que é puro, tudo o que é amável, "tudo o que é de boa fama, se há "alguma virtude e se há algum lou- "vor, nisso PENSAI".

Não está aí um magnífico preceito de higiene mental, o que implica ocupar a mente com pensamentos de natureza elevada, tal como aconselha o dinâmico apóstolo de Cristo ?

De um importante estudo sôbre o mesmo tema, de autoria do psicó-

logo americano Raumsol, extraímos a seguinte advertência, que ao nosso ver confirma amplamente a anterior.

"Se a mente do homem produz pensamentos que o dignificam e ele-"vam sôbre os demais, além de for-"tificar suas células cerebrais, fará "que sua voz seja doce e suave, e es-"ta ao vibrar há de produzir no san-"gue os efeitos benéficos que deri-"vam da bondade do pensamento. "Haverá, então, dado ao seu cora-"ção um momento de gôzo puro e "natural, e à sua alma, um motivo "de verdadeiro prazer".

Pensamos que são desnecessários mais exemplos para demonstrar que os cuidados de higiene mental são indispensáveis, assim como os físicos, para manter êsse estado de equilíbrio orgânico chamado saúde.

HIGIENE FÍSICA: — Esta é uma parte importante da educação sanitária, à qual, mais do que à primeira, se tem dado atenção. Os hábitos de higiene corporal devem ser implantados desde cedo e a professora muito pode fazer nesse sentido. Um pequeno programa ajustado aos interêsses e necessidades das crianças poderia ser elaborado apenas como guia para a professora.

Nas classes elementares aconselha-se a formação de bons hábitos associados à nutrição, ar puro, iluminação, limpeza e cuidado dos dentes, corpo, vestuário, postura, contrôle das infecções, cuidado dos olhos, ouvidos, etc. A profesora deverá preocupar-se constantemente com êsess problemas. O programa poderá variar de acôrdo com o meio em que vive a criança, porquanto as necessidades das crianças que vivem em fazendas ou nos meios rurais diferem das residentes nas cidades.

Para desenvolver o seu programa de educação sanitária, encontra a professora várias oportunidades: a sopa escolar, com a qual se relacionam os bons hábitos de alimentação, as boas maneiras à mesa e os cuidados higiênicos correspondentes; leitura de livros e revistas relacionados com a higiene e saúde; os períodos de descanso e de recreio; a aprendizagem do uso dos aparêlhos sanitários, lavatórios, bebedouros; a verificação da infreqüência escolar e os meios de reduzir as faltas motivadas por doenças; a inspecção diária dos alunos, feita pela professora ou enfermeira escolar,etc. São estas, em resumo, algumas sugestões que nos fornece o programa de educação sanitária nas classes elementares dos Estados Unidos.

PADRÕES DE SAÚDE: — Para incutir nas crianças um ideal de beleza, saúde e vigor, convém ter na sala de aula dois cartazes artisticamente confeccionados, trazendo um dêles, a gravura de uma menina e outro de um menino, robustos, irradiando na fisionomia, saúde, alegria e bondade. Ao lado de cada gravura, uma série de 10 a 20 preceitos de higiene mental e física a serem praticados. Por exemplo: estou sempre alegre, calmo e paciente;

detesto as brigas e as discussões;
durmo no escuro sem ter nenhum mêdo;
não fico com raiva por muito tempo;
não tenho mêdo de fantasmas nem ladrões;
Sei prevenir-me contra as doenças e não as temo, etc.

Ao lado dêstes, outros de higiene física:

Deito-me cedo e me levanto cedo;
tomo banho todos os dias;
escovo os dentes quatro vezes ao dia;
alimento-me às horas certas;
como verduras, frutas, ovos e outros alimentos sadios;
lavo as mãos antes de tomar qualquer alimento, e ao sair da privada;
não levo à bôca, lapis ou outro qualquer objeto, etc.

Êstes preceitos podem ser substituídos por outros que a professora julgue mais necessários.

As gravuras não devem apresentar roupas luxuosas e ataviadas e sim muito simples e corretas. Outras gravuras podem ser levadas à sala de aula, focalizando crianças alegres, a praticarem preceitos de higiene, principlamente aqueles que a classe mais necessita fixar. Algumas sentenças apropriadas podem

ser escritas ao lado ou abaixo das gravuras. E' importante apresentar sempre imagens positivas, porquanto é o conceito positivo de saúde que se quer incutir e não a idéia negativa de doença. A profesora deve interesasr as crianças por êsses padrões de saúde, estimulando-as a que se esforcem por imitá-las.

ATIVIDADES: — Muitas atividades podem ser desenvolvidas pelos sócios do Pelotão. Por exemplo: Três ou quatro vezes durante o mês, a classe promoverá reuniões de 30 a 40 minutos no máximo, podendo constar essas reuniões de apresentação de trabalhos, relatórios das atividades realizadas, palestras sôbre assuntos de higiene e saúde, ouvir lições, relatarem os alunos suas experiências, isto é, contar como se encontram, os benefícios sentidos depois de estarem pondo em prática tais conselhos de higiene, vomo vão cumprindo os deveres de sócios do Pelotão, etc., etc.

As palestras podem ser feitas pelos alunos da própria classe, de outras classes, pelas professoras, por um médico da localidade, dentista, etc. Quando realizadas por adultos, devem êstes tomar o cuidado de escolher assuntos simples, práticos e vasá-los em linguagem accessível à compreensão das crianças, ilustrando-as com desenhos, gravuras, cartazes, etc. As crianças farão também pequenas palestras sôbre assuntos de higiene física e mental. Exemplo de alguns temas: "Como vencí o mêdo que tinha do escuro"; como deixei o hábito de mentir"; "porque não nos devemos deixar dominar pela raiva"; "porque devem tomar leite as crianças"; "os benefícios do ar puro"; porque devemos comer verduras e frutas;" "como combater a verminose", e outros que a professora pode sugerir e orientar. As palestras devem ser acompanhadas de gravuras, desenhos feitos pelos alunos, etc. Das reuniões podem constar também leituras de artigos ao alcance da criança, tratando de assuntos concernentes à saúde e à higiene. Outras atividades: confecção de álbuns ilustrados sôbre assuntos de higiene e saúde; receitas para curativos simples; medicamentos caseiros de comprovada eficácia, submetidos, prèviamente, à aprovação do médico ou farmacêutico; combate à superstição e ao curandeirismo no tratamento das enfermidades; propaganda contra certas enfermidades como a tuberculose e vícios como o álcool, o fumo, etc. Na propaganda contra certos vícios e enfermidades é necessário evitar figuras desagradàvelmente impresionantes ou que possam gerar o ridículo, pois nesse caso a propaganda teria efeito negativo. Histórias simples, dramatizações, podem ser escritas e realizadas pelas crianças. A estas incumbe também informar a professora sôbre as falhas dos colegas em casos de enfermidades; zelar pela higiene da escola, evitando atirar ao chão papéis, cascas de frutas, rabiscar as paredes, os muros, etc. Alguns curativos simples poderão fazer em si mesmas e nos colegas.

ESTUDOS: — Alguns estudos simples sôbre o leite, a água e outros alimentos, plantas, animais, higiene do vestuário, da habitação, são temas valiosos para as atividades do Pelotão. Além disto, devem as crianças aprender a profilaxia de certas doenças como a verminose, a varíola, a tuberculose; o tratamento de emergência para picadas de insetos venenosos, etc. Algumas receitas para preparação de mingaus e outros alimentos substanciosos serão de utilidade para os alunos.

LIVROS: — Seria de vantagem haver na classe livros e revistas sôbre assuntos de higiene e saúde para consulta das crianças, selecionados dentre os que ofereçam maiores valores educativos. Convém evitar nesses livros o fantástico e o irreal, dando-se preferência aos que favoreçam a formação de conceitos sadios. Também o estudo de biografias de médicos e cientistas notáveis, seus esforços, suas lutas, sua contribuição para o bem estar da humanidade, são temas próprios para as atividades de um Pelotão, podendo encarregar-se dêsse estudo as classes mais adiantadas. Sugerem-se para estudo as biografias de Pasteur,

Mme. Curie, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, etc.

CONTRÔLE: — Deve constar das atividades do Pelotão, a inspecção diária dos alunos, com a finalidade de se verificar se estão observando os preceitos de higiene recomendados. E' melhor que essa inspecção seja feita pela professora ou enfermeira escolar, onde houver, em lugar de deixá-la a cargo de alunos "fiscais", como fazem algumas escolas. A professora e a enfermeira terão o tacto, o critério suficientes para evitar que as crianças se sintam embaraçadas quando não satisfaçam êste ou aquele preceito de higiene. Por outro lado, evitam-se possíveis susceptibilidades entre os alunos. E' melhor habituar as crianças a autofiscalizar-se do que fiscalizar os outros.

Os componentes do Pelotão poderão usar um distintivo na blusa. Cada um terá também uma ficha, impressos os deveres de higiene física e mental a serem observados, bem como os dias do mês — uma espécie de boletim. Aí serão anotados com um sinal pela professora ou enfermeira, o preceito de higiene omitido. Por exemplo. o hábito de levar o lapis à bôca, tão comum entre as crianças, ou a posição defeituosa no assentar, ler ou escrever, etc. as unhas pouco limpas (evitar unhas pintadas), etc., etc.

Tôda vez que êste ou aquele preceito fôr omitido, anota-se na ficha do aluno. A professora, com bondade, advertirá a criança do seu "esquecimento". A reincidência freqüente em faltas contra os deveres de higiene, depois de várias e pacientes observações da profesosra, trará como penalidade o não uso do distintivo, até que o aluno se disponha a cumprir novamente com os deveres recomendados. Antes, porém, de qualquer medida drástica, deve a profesosra indagar e verificar que dificuldades vem tendo a criança para a prática da higiene. A classe poderá promover os meios de fornecer aos colegas mais necessitados, algum material que lhes facilite a observação dos preceitos recomendados, como escôvas de dentes, sabonetes, dentifrícios, medicamentos para a extinção de parasitas da cabeça, etc.

Ao fim do mês a profesosra poderá fazer um gráfico com o número de pontos obtidos pelos alunos, verificando o quanto se têm esforçado por se aproximarem dos "padrões" de higiene e saúde estabelecidos, estimulando as crianças a que alcancem sempre algo mais.

Para melhor eficiência da educação sanitária, convém terem os pelotões de Saúde uma diretoria geral, composta de um médico, uma enfermeira escolar, onde houver, da diretora do estabelecimento, da professora de educação física, cujas funções estão muito ligadas àquela educação, e de uma ou duas professoras de classe. Essa diretoria geral organizará os planos, os estatutos e o programa de atividades do Pelotão, recebendo sugestões das diversas classes. A essa diretoria incumbe unificar o trabalho de educação sanitária em tôda a escola. Será, entretanto, aconselhável organizar-se em cada turno, se houver mais de um, um corpo de auxiliares do Pelotão, composto de uma professora e de alguns alunos escolhidos dentre os mais aptos.

Êsse corpo de auxiliares zelará pelo bom andamento das atividades do Pelotão e cumprimento das disposições da diretoria geral, no turno a seu cargo.

Todos os alunos do grupo podem e devem ser sócios do Pelotão, porquanto a instituição visa beneficiar a todos. Cada professora deve, portanto, interessar-se para que seus alunos adquiram hábitos de higiene e saúde física e mental e colaborar pela vida e progresso da instituição.

As classes do 3.º e 4.º anos poderão incumbir-se das atividades mais difíceis, como palestras, projetos, estudos relacionados com a higiene e saúde, confecção de cartazes de propaganda sanitária, de campanhas profiláticas, etc.

Nas escolas, onde houver médico e enfermeira escolar para orientar o Pelotão, poderá êste tomar o

caráter de verdadeira educação sanitária, estendendo os seus benefícios a tôda a localidade.

BIBLIOGRAFIA: — Para cosulta das professoras, além dos livros recomendados pelo "Programa em Experiência", serão úteis mais os seguintes:

"Vida e Saúle", do dr. Sebastião Barroso (25 pequenos volumes da edição "Melhoramentos);

"Alimentação", do dr. Deodato de Morais;

Revistas: "Viver" e "Vida e Saúde" "Revista do Ensino" do Grande do Sul"

Outras publicações: — "Higiene Mental nas escolas", do dr. Artur Ramos; Publicações do Departamento Nacional da Criança, sôbre "Merenda Escolar", "Os projetos na educação da Saúde", etc.

PARA CRIANÇAS: — "Cartilha de Higiene", do dr. Renato Kell; "Vida Higiênica", do dr. Deodato Morais.

Recorrer a muitas palavras para exprimir poucas idéias é sinal infalível de mediocridade.

SCHOPENHAUER

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA

PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI

PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Av. Afonso Pena, 610 - Salas 608 e 610 . 6.o andar e Ap. 1 do 7.o andar - Telef. 2-3333 - Edificio Cruzeiro

Caixa Postal, 149 - Belo Horizonte

Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

que imprime a Revista EDUCANDO instalou á Rua Espirito Santo, 562, completa seção de

LIVRARIA E PAPELARIA

com organizado serviço de REEMBOLSO POSTAL para atender aos seus fregueses do interior.

Coleções de Educando

Acham-se á venda coleções de **"Educando"** dos anos de 1940 - 1941 - 1942 e 1943 pelos seguintes preços:

1940	—	Cr$ 35,00
1941	—	Cr$ 30,00
1942	—	Cr$ 25,00
1943	—	Cr$ 25,00

PEDIDOS PARA ESTA REDAÇÃO

Não há democracia, embora mediocremente adiantada, que não considere como fundamental o problema da instrução, não só elementar, mas também técnica e profissional

Francisco Nitti

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagem, limpeza de pele, manicure, penteado e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interêsse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1075 —:— TELEFONE, 2-1969

VISITANDO A FAZENDA ESCOLA DE FLORESTAL

Ligada por magnífica estrada de automóvel a Belo Horizonte e a todas as demais regiões de Minas, a Fazenda Escola de Florestal está situada no município de Pará de Minas.

Sua área é de 210 alqueires. Suas instalações são as mais confortáveis e as mais variadas, destinando-se ao plano de suas atividades. O plano arquitetônico, todo moldado em linhas sóbrias, cumpre os requisitos de um vasto estabelecimento agropecuário de exploraçãoe conômica, apresentando ao mesmo tempo todos os aperfeiçoamentos técnicos necessários ao seu caráter de fazenda-padrão.

Nesse ambiente propício ao trabalho rural, vamos encontrar o desenvolvimento de tôda uma vida econômica perfeitamente entrosada nas condições do meio, e como que um sábio aproveitamento de todos os processos mineiros dêsse trabalho, aperfeiçoados ou contrastados de maneira simples, para mostrar aos visitantes o emprêgo certo dos sistemas de trabalho, sem provocar um choque que seria contraproducente.

Dêsse modo, vamos encontrar nesse estabelecimento varios planos perfeitamente diferenciados dentro das diversas finalidades a que se destina. O Hotel dos Fazendeiros é, por exemplo, o edifício destinado à hospedagem de todos os visitantes, ao passo que no internato se alojam os alunos pretendentes aos títulos de administradores, capatazes de fazenda e outros. A Escola é outro prédio de linhas serenas, que traduzem bem êsse espírito realizador da gente montanhesa, habituada a construir sem alardes e a realizar obras imorredouras.

A fazenda de criação se subordina dentro dessa organização em várias dependências especializados, e, conforme veremos mais ad'ante, nela se tem conseguido realizar uma das mais notáveis obras de zootecnica já levadas a efeito no Brasil.

A parte agrícola desenvolvida, vai proporcionar aos fazendeiros de Minas sementes puras e bem selecionadas, que serão a garantia das suas colheitas e o estímulo direto oferecido pela administração ao seu trabalho.

Ainda agora, por ordem do sr. Lucas Lopes, secretário da Agricultura, grandes planos foram preparados para o cultivo do arroz, afim de que o Govêrno possa dispor de uma quantidade satisfatória de sementes para serem distribuidas aos agricultores, na realização da campanha pelo aumento da produção, levada a efeito com grande sucesso por essa autoridade.

As dependências correlatas também se encontram instaladas em edifícios próprios, e assim possível se torna a eficiência completa do trabalho no escritório central, no almoxarifado e também mais confortável se torna a vida, nas modernas residências destinadas aos chefes de divisão, aos professores e aos operariis.

A parte industrial é das mais desenvolvidas, uma secção de laticínios possibilita a exportação de produtos derivados do leite, bem como nas demais dependências, aprendem os alunos os conhcimentos essenciais ao trato da carne e de outros produtos dos campos.

As instalações para animais são tôdas calcadas nos moldes mais modernos que se pode desejar. Os estábulos seguem-se em número elevado, e dentro dêles alojam-se reprodutores das melhores linhagens das diversas raças, que estão formando em Florestal um dos mais notáveis rebanhos do Brasil e mais do que isso, vêm possibilitando ensaios genéticos que trarão para a nossa pecuária uma nova era de grandeza e de desenvolvimento econômico.

Na secção de aves, as instalações obedecem à mais complet aexigência técnica e por isso a Fazenda Escola de Florestal tem sido um eficiente exemplo a todos os que por ela passam, para o desenvolvimento da rendosa indústria avcola.

A parte destinada à suinocultura conta com os requisitos completos para o aperfeiçoamento dos planteis, e dela cuida Florestal com o máximo carinho, já tendo firmado reputação na apresentação dos seus reprodutores.

Brasileiro cem por cento

LIMA BARRETO

(Da "Antologia Ginásial" de Mário Casassanta)

Não se sabia bem onde nascera, mas não fôra decerto em S. Paulo, nem no Rio-Grande-do-Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nêle qualquer regionalismo; Queresma era, antes de tudo, brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves — era tudo isso junto, fundido, reunido sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos, quís fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, êle se fêz conservador, e continuou, mais do que nunca, a amar *a terra que o viu nascer*. Impossibilitado de evoluir sob os dourados do Exército, procurou a administração, e dos seus ramos escolheu o militar.

Se fôssem outros os colonizadores...

João Francisco LISBOA

(DA "ANTOLOGIA GINASIAL" DE MARIO CASASSANTA)

Tenho ouvido, já, quase sempre a descendentes de outros europeus, que nós seríamos felicíssimos, se tivéssemos sido colonos de outra nação. Antes de tudo, êste *nós* é um disparate: se o Brasil fôsse diversamente colonizado, não seríamos nós os seus habitantes; e devemos aos compatriotas sobejo amor para querermos que êles sejam outros, e não êles mesmos. Portugal produziu um império de nove milhões de habitantes; digam qual é o que proporcionalmente fêz tanto? Apesar das injustiças que dos maus governos sofríamos, apesar de mesquinhos ciúmes da metrópole, nossos pais nos transmitiram: 1.º a religião mais civilizadora; 2.º, franqueza e hospitalidade *à nossa custa*, não de palavras e cortesias; 3.º uma legislação civil melhor que a de nações muito mais presunçosas; 4.º, uma língua sonora, a mais opulenta, senão para as cousas da indústria moderníssima, para a história, para a navegação, para a poesia, com todos os matizes, variedade e graça. Qual é a colônia francesa emancipada? Qual é a holandesa? Tiradas as de Espanha, mais as de Inglaterra que produziu a soberba e livre república americana, as restantes estão ainda debaixo de tutela. Nós já vamos forçando o orgulho a nos ter em consideração, e mais seremos, se desprezarmos os mêdos de conquistas em nosso território, e opusermos energia a vãs ameaças.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

Sôbre a justiça social

Mons. Miguel de ANDREA
BISPO DE TEMNOS

Há séculos que o mundo se vem movendo em sentido contrário ao assinalado por Jesús para o estabelecimento da verdadeira civilização cristã. Prima no desenvolvimento da economia universal uma inversão total dos princípios. Nosso Senhor Jesús Cristo havia ordenado que o princípio fundamental para a evolução da economia é o da justiça: "faça-se, antes de tudo, a justiça e todo o necessário para a vida virá como consequência". Vem-se adotando, porém, um proceder diametralmente oposto. Tudo se procura adquirir preterindo e calcando a justiça. Os resultados já aí estão à vista e as últimas consequências se desenham como fantasmas espectrais destinados a presidir o fim de um mundo e o comêço de outro

Que fazer para evitá-los? Desandar o caminho percorrido: remontar a corrente. Volver à justiça. Iniciar o reinado da justiça social. E isto, não por medo a represálias; não por cálculos eleitorais; não por conveniências políticas. O povo, com seu instinto certo, descobre tais motivos e os despreza. Há de estabelecer-se o reinado da justiça social com abnegação, com desinterêsse, com sacrifício. Não por cálculo, senão amor à justiça. O povo tem que encontrar em nós outros, essa virtude que é fonte de bem-aventurança. Tem que verificar que "temos fome e sentimos sêde de justiça". "Beati quo esuriunt et sitiunt". No entanto, o povo não vê, em todos os que deveriam tê-la, esta sêde de justiça!

(Traduzido do espanhol)

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —